

# **PESQUISA DOCÊNCIA IF-SOPHIA E ESCRILEITURAS: uma aliança metodológica no ensino de filosofia**

Alan Rodrigo Padilha<sup>22</sup>

## **INTRODUÇÃO**

A presente pesquisa decorre de uma experimentação no campo do ensino de filosofia realizada por meio de projetos institucionais como o Projeto “Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida” (CAPES/OBEDUC/INEP) e o Projeto “IF-Sophia” vinculado ao Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Paraná, Campus Umuarama e Campus Assis-Chateaubriand. Ambos desenvolvidos por meio de oficinas envolvendo o processo de escrita e leitura de textos filosóficos articulados com a literatura, pintura, música, teatro e outras expressões como a ciência e a tecnologia.

A prática da pesquisa docente que envolve o professor-pesquisador trouxe resultados como o Grupo de Pesquisas Filosofia,

---

<sup>22</sup> Doutorando em Filosofia (2020) - área de concentração Filosofia Moderna e Contemporânea, linha de pesquisa ética e filosofia política pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Professor do Instituto Federal do Paraná - IFPR (2012). É pesquisador efetivo do Grupo de Pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologias do IFPR. Pesquisa, publica e leciona sobre Deleuze e Guattari e seus intercessores, sobretudo, interessa-se por temas como ecosofia, filosofia da educação e ensino de filosofia.

Ciência e Tecnologias - IFPR (GPFCT – IFPR) que comemora sua primeira década de existência, tendo como marco seu caráter interdisciplinar e impulsionador do desenvolvimento de pesquisas e da produção de processos de inovação nas diversas áreas do conhecimento. Neste excerto objetivamos evidenciar a expressão de uma prática metodosófica no ensino de filosofia operada por meio de oficinas de transcrição, trazendo especificamente elementos de uma ética da singularidade artística e admitindo interferências, fabulações, conexões entre real e imaginário para transcriar textos molares em suas malhas por intertextos possíveis.

O Conceito de metodosofia cunhado por Corraza (2020) é resultado de experimentações de escritas e leituras no âmbito da pesquisa em educação da diferença, sobretudo aquelas desenvolvidas como Método de transcrição<sup>23</sup>, cujo objetivo consta de elevar o caráter do leitor-passivo a leitor-ativo como um escritor-autor, assim como no papel da pesquisa-docência em que o professor se torna um didata-tradutor movido por práticas que desestratifica os territórios das metodologias em pesquisa e educação.

---

<sup>23</sup>Tradução-transcriadora é assumidamente uma herança de Haroldo de Campos: “Nas relações educacionais, curriculares e pedagógicas, com os mundos da Arte, da Filosofia e da Ciência, essa tradução introduz novos modelos, ideias, gostos, vocabulários, sintaxes, estilos. Sendo mimético e não mimético, a um só tempo, funciona como força motriz das mudanças, assegurando uma ‘sobrevida’ dos elementos originais, como ‘estágio de seu perviver’; para que vivam ‘mais tempo e também de modo diverso’. Capaz de anamorfozes, quando reescreve e repensa os originais torna-se capaz ‘de ser ela mesma e um outro’ (CORAZZA, 2011, p. 61-62).

A metodosofia não está em oposição ao logos<sup>24</sup>, mas ocupa-se das singularidades, das contingências, das conexões e dos possíveis, enquanto uma totalidade fragmentária admitindo diferentes caminhos para efetuar a potência criativa e inventiva “plena de afectos e perceptos, literatura e arte, ciência e filosofia” (CORAZZA, 2020, p. 15). Portanto, são esses os conjuntos moventes que desestabiliza a massificação estruturante da Metodologia “feito para se chegar ao motivo e à razão do logos de um ato cotidiano; ou é considerado como o princípio da ordem universal e da regularidade” (CORAZZA, 2020, p. 14). Embora não busque os modelos analíticos e sintéticos da matemática, este não desconsidera seus limites irregulares e suas variações como no caso da geometria não euclidiana, do cálculo infinitesimal e de outras tantas condições do conhecimento que somente foram possíveis devido à compreensão de seus limites e de suas composições que ultrapassam as territorialidades de cada ciência, funcionando por uma transversalidade aos domínios políticos, ecológicos e dos processos sociais de subjetivação.

Trata-se de traçar linhas e entrecruzar componentes de heterogeneidade em suas problemáticas, o que exige tanto rigor conceitual quanto maleabilidade estética para produzir o novo. Pensar

---

<sup>24</sup> Trata-se de uma referência ao conceito de metodologia que deriva das palavras *meta* que significa “através de, entre” e *Hodós* “caminho”, mais especificamente no sentido de um determinado método de validação exclusivamente racional.

e fazer como um artesão de si mesmo, moldar objetos e objetivos ou como um poeta que lê e escreve com afetos dos encontros extensivos e intensivos seja a partir das cores, sabores, cheiros, texturas, sons e movimentos maquínicos. Esse compósito é acompanhado das seguintes produções metodológicas, como a “Dramatização do Informe”, o “Valéry- Deleuze”, o “Maquinatório” (CORAZZA, 2012; 2013; 2017) e tantos outros desdobramentos, tais como as propostas das oficinas de “Arquivo, Currículo, Didática, Docência, Aula, Tradução, Transcrição, Sonho, Poesia, EIS AICE, na tarefa de formar pesquisadores-professores” (CORAZZA, 2020, p.14 ).

A docência-pesquisa produzida por meio das oficinas para o ensino de filosofia tem como referência a teoria da tradução poética criada pelos irmãos Campos (CORAZZA, 2011). Essa noção de tradução é muito rica por se tratar de uma tradução não literal, e por considerar o tradutor como um esteta que, ao traduzir, constitui perceptos, conceitos e referências. Tal noção dá origem a uma nova didática, a “Didática-artista da tradução”, fazendo funcionar no campo do ensino da pesquisa e da extensão um novo modo de ler e escrever em filosofia, com ele, uma nova singularidade dos modos de ser professor de filosofia.

O tripé ensino, pesquisa e extensão sempre será desafiador, tanto para educação básica como para o ensino técnico, tecnológico e superior. A questão não é somente de produzir conhecimento, mas de

levá-lo a comunidade externa com objetivo de criar ferramentas de tecnologias inovadoras que sejam capazes de melhorar a vida das pessoas, a exemplo das tecnologias sociais que integra o ensino e a pesquisa promovendo o desenvolvimento local e regional. Vale salientar que em ambos os projetos importam os procedimentos metodológicos que agenciam o ensino, a pesquisa e a extensão promovidos por meio das seguintes instituições: UFRGS, UNIOESTE e o IFPR. O projeto IF-Sophia e Escrileituras firmaram seus territórios no âmbito da Educação Básica e do Ensino Superior, promovendo ações curriculares e extracurriculares como a formação continuada de professores da rede pública por meio de parceria com a SEED/PR, via Núcleo Regional da Educação de Umuarama.

Para tanto, foram criadas oficinas com temáticas sobre ética e política voltadas para formação discente e docente sempre com ampla participação estudantil nesses processos. O território prático da pesquisa envolveu leituras assistidas e leituras livres com vista à produção de material para eventos acadêmicos e culturais bem como dos encontros de formação continuada de professores. As aulas oficinas e as oficinas de formação docente tiveram como premissa básica o método rizomático<sup>25</sup>, valorizando o pensamento da

---

<sup>25</sup> Deleuze e Guattari “roubam” o conceito de rizoma da botânica para aplicá-lo à filosofia. Rizoma é uma raiz que tem um crescimento diferenciado, polimorfo; ela cresce horizontalmente; não tem uma direção clara e definida. Oposto ao modelo de pensamento arbóreo (transcendente), o rizoma é tecido na (imanência) pela conjunção

multiplicidade, contrário às definições fechadas e aos conceitos prévios. Desse modo, o que se tem são agenciamentos, conexões que se produzem nos acontecimentos, conexões entre todos os lados, hibridações que mudam de acordo com os novos acontecimentos que se criam.

As entradas de um rizoma são múltiplas, fazendo com que ele seja centrado, mas possibilitando nessa pesquisa agenciar filosofia e educação. O professor-pesquisador em exercício pleno, na docência e na pesquisa, trata as duas dimensões de modo entrelaçado se ocupa não somente de ensinar, mas sobretudo de aprender, inserindo-se conjuntamente com os estudantes e professores ao campo da pesquisa sensibilizando grupos para que o resultado do trabalho tenha ressonância social.

O objeto de estudo em questão trata de compor uma ética não moral produzida por Deleuze ([1970] 2002) seguindo os procedimentos de tradutórios da filosofia de Spinoza ([1677] 2010) e dos agenciamentos intertextuais de pensadores como Nietzsche ([1887] 2013) e Von Uexküll ([1934] 1982) para funcionar como uma rasura criadora fazendo ressonâncias da diferença de modo a transgredir os signos restritos, rompendo com a antiga compreensão de tradução entre forma e conteúdo.

---

e...e...e... capaz de desenraizar o verbo ser.

No entanto, cultivando uma saudável empatia com os elementos originais, exercita suas fantasias e habilidades amorosas, projetando-as em experimentações tradutórias. Usando a recriação imaginativa, por meio de escrituras (escritas-e-leituras) e diálogos críticos, encaminha o estranhamento dos originais, num processamento singular de interpretações. Trabalhar na perspectiva de um Currículo-Nômade por uma didática da tradução exige o professor como didata-tradutor, uma produção inovadora diante dos textos e dos alunos, exatamente por não se tratar de uma tradução literal de uma língua para outra, mas sobretudo por ser uma renovação e uma problematização no próprio pensamento, a fim de trazer à tona o escritor escondido em cada um. Escritor que põe em questão a sua vida bem como a dos autores com quem se encontra.

## **DIDÁTICA-ARTÍSTICA DA TRADUÇÃO NO ENSINO DE FILOSOFIA**

As Oficinas de Transcrição, realizadas no IFPR – *Campus Umuarama* no ano de 2014, com a turma do primeiro ano do curso técnico integrado em química, durante o período em que efetivamente passamos a nos constituir professor-pesquisador, privilegiaram textos de três pensadores que provocaram a problematização das relações entre moral e ética e contribuíram para diferenciar uma visão moral e uma visão ética de mundo. São eles: Spinoza, Nietzsche e Uexküll.

Nas oficinas instituíram um espaço de tensionamento para opor e contrapor as ideias apresentadas pelos filósofos, que funcionou como matéria de problematização entre estudantes e professores, colocando em questão suas concepções, seus pensamentos já pensados, seus conteúdos organizados, suas matérias sedimentadas. Do lado dos professores, o que assistimos foi o distanciamento do “modelo de professor” e um movimento de produção de “professores-simulacros”, exatamente:

[...] Como os únicos que têm condições de produzir novidades e de levar a Educação à diferença não maldita; pois, somente eles possuem forças inventivas orientadas para o porvir. Esse devir simulacro dos educadores-professores-pedagogos pode ser considerado um plano educacional, como uma espécie de Gaia Ciência, que fornece ferramentas conceituais para pensar o devir-alegre, um devir criador, um devir artista (CORAZZA, 2013, p. 24).

Do lado dos estudantes, à medida em que se envolveram nas oficinas houve um processo de deslizamento sobre sensações, percepções, discussões acerca da própria vida dos textos, dos filósofos, e, também, das suas, afinal, “a matéria principal da OST<sup>26</sup> é a vida” (CORAZZA, 2011, p. 54). Pode-se afirmar que entre leituras e textos, escritas e rasuras, escritas foram afinadas. Foram muitas horas de envolvimento, desde o planejamento até a realização das oficinas que

---

<sup>26</sup> As Oficinas de Transcrição (OsT) são oficinas processuais de Pesquisa, Criação e Inovação (CORAZZA, 2011, p.53).



implicou num demorado processo de envolvimento e identificação com os textos de partida para que fosse possível chegar a um novo texto. Nas devidas proporções, por meio da didática-artista da tradução, nos dedicamos a realizar traduções que consistem, acima de tudo em:

[...] “uma questão de alma”, na ressonância do poema de Augusto de Campos “re-criar é a meta/ de um tipo especial/ de tradução:/ a tradução-arte// mas para chegar à/re-criação/ é preciso identificar-se/ profundamente/ com o texto original/ e ao mesmo tempo/ não barateá-lo/enfrentar todas a suas/ dificuldades/tentar reconstruir/ a criação/ a partir de cada palavra/ som por som/ tom por tom/ é uma questão de formar/mas também/ é uma questão de alma” (CORAZZA, 2011, p.64).

A filosofia e sua relação com o fora, o não filosófico, o que torna possível pensar o que não havia sido pensado, e que no entanto, precisava e merecia ser pensado de outro modo, essa foi a tônica das oficinas de tradução, que poderíamos denominar como expressão filoartística, filoliterária, filopictural, concernente a uma concepção de currículo diversa daquela que a educação de Estado concebe, literalmente pensada em uma “grade curricular”, sedimentada em níveis, disciplinas e conteúdo.

O *Escreleituras*, por sua vez, mantém-se ligado à gênese da ideia de currículo, aquela que é lembrada no *Dicionário das ideias feitas em educação* (CORAZZA; AQUINO, 2011, p. 39): “Currículo – Era para ser corrida, mas virou loteamento”, e poetizada no *Abecedário*:

*educação da diferença* (CORAZZA; AQUINO, 2009, p. 40):  
“*scurrere*/corre escorre escorrega/atraversa bordeja resvala  
espalha/comemora glosa redundante/pula turva perscruta cruza  
fulgura/desliza enrodilha gira/amplia suspira alegoriza/desbasta  
desvenda descobre/encruzilhadas atalhos ardis emboscadas”.

Nesse sentido, o currículo do *Escreleituras* “vive às voltas com as forças do Fora, como uma violência que se abate destrutiva sobre os saberes consolidados, como um estranhamento recíproco entre o pensamento racional e a realidade de algum objeto” (CORAZZA, 2013, p.28). Isso nos faz saltar aos nossos sentidos, à nossa memória, à nossa imaginação, ao nosso entendimento e ao nosso pensamento, novos modos de experimentar-se, de ler-escrever em meio à vida. É preciso afirmar que o Projeto *Escreleituras* não operou na ausência de currículo, mas foi produzido por um currículo nômade, diferente do sedentário currículo tradicional; o que permitiu exatamente sair das velhas práticas pedagógicas empregadas no ensino de filosofia. Ocupou o território da filosofia, mas nele introduziu novos elementos, “esticando linhas de inovação, criando contra pensamento, a exterioridade pura”; podemos dizer que, ainda que com muitas limitações sujeitas à crítica-escreleituras, vivemos “com prazer e gozo, a porção Marginal dos Currículos-Certinhos” (CORAZZA, 2013, p. 33). O que acabou movimentando, no Instituto Federal do Paraná (Campus Umuarama), o seu currículo Maior.

Desde sempre, sabemos que nosso trabalho está sujeito a críticas, esperamos que elas venham para que o processo formativo do professor-pesquisador não pare, mas desejamos que se trate de uma “crítica-escrileitura” que vá “até a singularidade da experimentação de cada pesquisador-professor, num processo inventivo da Educação [filosófica]” (CORAZZA, 2013, p. 34). Nas oficinas que realizamos para efetivar a “tradução criadora”, como já afirmamos, partimos dos elementos complexos da escrita clássica filosófica e cada participante, com sua capacidade de síntese e de criação tornou-se escrileitor e fez uma:

[...] tradução criadora [...] [que] não é: literal, funcional, automática, etimológica, estruturalista, hermenêutica, celebração epifanística, uma violação, um caso de sobretradução, um semidecalque, uma superafetação; não soa como extravagância; não produz palavra por palavra; não transmite a mensagem do original; não apresenta qualquer purismo ultra-acadêmico; não atualiza textos pelos contextos; ao contrário, consiste em traduções, em que são postas tal força criadora que, alegadamente, o resultado vale como se cada tradução fosse uma obra original, viva e aberta (CORAZZA, 2011, p. 63).

A primeira produção da OsT em filosofia ocupou-se das correspondências entre Spinoza e Blyenberg, mais conhecida como “Cartas sobre o Mal”; os oficinairos também se ocuparam de alguns livros de Spinoza, como o *Tratado Teológico Político* ([1670] 2014) e

*Princípios e Pensamentos Metafísicos* ([1664] 2014) e compuseram autoria com o que encontraram, como afirma Dalarosa:

Uma proposta de escrita afinada por dentro do próprio texto, no qual o dentro comunica-se com o fora da escrita e, na mesma superfície, passa a conversar com o seu escritor-leitor simultaneamente. Texto de objetos que se produzem e ganham vida no exercício da linguagem e passam a dialogar e a produzir encontros de autorias inesperadas. O escrileitor é também considerado texto, pretexto, personagem e escritor que experimenta a superfície movediça do vivido. Ele compõe autoria com o que encontra ou com quem quer que seja que o encontre (DALAROSA, 2011, p. 23).

Apesar de implicar em Escreituras de textos complexos no gênero epistolar e ao mesmo tempo dissertativo e exigir um investimento teórico “pesado” para estudantes de nível secundarista, tornou-se uma experiência ímpar tanto para o aprender, quanto para o ensinar filosofia, pois evidenciou que é possível constituir novos modos de trabalhar essa disciplina por meio da necessária violência sobre o pensamento para que ele saia do seu natural torpor recognitivo e chegue a pensar (HEUSER, 2010). As cartas de Spinoza a Blyenberg alimentaram a curiosidade e a crítica dos estudantes em busca da constituição de respostas para problemas éticos de suas vidas cotidianas ou mesmo a problemas da contemporaneidade que acabaram por compor a produção dessa oficina.

O problema da origem do Bem e do Mal foi o que nos forçou a pensar. Fragmentos das obras *Do Livre – arbítrio*, de Santo Agostinho ([395]1995), e *Genealogia da moral*, de Nietzsche ([1887]2013) foram os disparadores para essa transcrição. Se o exercício de tradução criativa é, como afirma Augusto de Campos, “umas questões de alma”, no trabalho dessa oficina, interferiram as tradições, valores familiares, religiosos dos estudantes e acabaram por influenciar toda a atividade. Na trilha das traduções acerca da origem do Bem e do Mal, com a intensa pesquisa e envolvimento com a temática, outros pensadores foram encontrados e propiciaram defesas e refutações de argumentos, abrindo novas perspectivas. Consideramos que o confronto de ideias mediado pelo mesmo eixo de discussão Bem e Mal gerou descompassos e mudaram afetos, conceitos, referências.

### **DIDÁTICA DA TRADUÇÃO “CARTAS SOBRE O MAL”<sup>27</sup>**

Escrever por meio de cartas é fomentar um modo de escrita esquecida no tempo, ou às vezes, nunca usada por nossos alunos. O modo epistolar de escrita utilizado no passado é retomado no projeto *Escrileituras* por meio de oficinas. Foi considerada a perspectiva da

---

<sup>27</sup> Oficina com estudantes do primeiro ano do Ensino Médio Integrado em Química do Instituto Federal do Paraná – Campus Umuarama. Allan S.; Ana M. S.; Cláudio R. V.; Gabriel F.; Giovanni R.; Gustavo H. D.; Luana M.; Luana R.; Lucas S. R.; Thiago M.; Valter M. V.; Yorhana F. G.

Didática da Tradução Artística nas Cartas de Spinoza e de Blyenberg<sup>28</sup>, obedecendo aos seguintes passos:

- 1 – Escrever cartas ao filósofo;**
- 2 – Responder as cartas remetidas ao filósofo;**
- 3 – Problematizar as cartas e responder aos problemas;**
- 4 – Traduzir experiências da leitura dos textos e traçar uma linha entre a carta de Spinoza e as cartas produzidas pelos estudantes.**

Figura 1: Pictobiografema e Biografema de aulas oficinas



Fonte: Pintura em tela biografema Spinoza – Estudantes IFPR-Umuarama

Para Spinoza ([Carta n. 19 de 05 jan. 1965]) em Correspondência à Blyenberg, a definição de mal não cabe a Deus em razão de não poder existir na providência divina nada que difere de sua

---

<sup>28</sup> Willem van Blijenbergh (1632-1696) corretor de grãos holandês e teólogo calvinista, correspondente de Baruch Spinoza em as cartas sobre o mal entre dezembro de 1664 e junho de 1665.

essência, ou seja, não pode haver nada na natureza que seja contrário à vontade divina, visto que em Deus, vontade é correspectivo de necessidade. No entanto, ao considerar que haja na natureza o mal ou mesmo o pecado seria atribuir a Deus imperfeição. Dessa maneira é preciso admitir que em Deus não há vontade, seja ela boa ou má, mas apenas necessidade, essa desvinculação entre moral e ética que torna a obra spinoziana livre da consciência e da má consciência de toda tradição adâmica que compreende liberdade e vontade como atributo divino e conseqüentemente um campo aberto para o juízo de Deus. Porém, se Deus não possui imperfeição sua criação não pode ser considerada má, logo, o mal não existe enquanto essência, mas sim como acidente de uma ação. Por exemplo; o veneno da serpente em contato com o sangue humano poderia ser algo fatal, dando a entender que a cobra por si mesma seria má. No entanto, esse mesmo veneno para a serpente pode ser algo positivo, que compõe sua essência, servindo como ferramenta de proteção e ataque.

Após receber a carta de Spinoza, Blyenberg diz que começou a compreender melhor a visão do filósofo, porém deixa bem claro que mesmo que pratique intensamente a atitude de filosofar, ele sempre colocará acima disso a vontade de Deus ou “Verbo Divino”, como ele mesmo cita. Após essa clara afirmação, Blyenberg começa a questionar Spinoza sobre a sua teoria por ela conduzir a ideia de que Deus seria o criador do mal, caso o mal não existisse. E acrescenta que, no seu

entendimento, a existência por si mesma não seria um “mal”, nem uma imperfeição, mas que o fato de nos inclinarmos a um estado de imperfeição nos priva da perfeição.

Porém, Blyenberg ainda indaga ao filósofo como um ser pode perder um estado de perfeição por causa de algo que já estivesse em sua natureza. Diante dessa questão, ele impõe a Spinoza duas hipóteses para que não houvesse uma contradição: Ou realmente existe um mal, ou não seria possível que houvesse uma privação de um estado melhor. Dito isso, ele comenta que se ele perdesse o seu primeiro estado de perfeição, significaria que ele seria pior que antes, o que sugere que não foi Deus que o reduziu a essa condição, mas sim ele mesmo que não se preservou do erro. Para Blyenberg ([1664-1665]1973) não é possível alguém possuir um estado de perfeição maior ao que Deus deu, ou seja, em seu raciocínio então o homem seria dependente de Deus.

Ao afirmar isso, ele diz também que todos possuem (em quantidade) o mesmo estado de perfeição dado por Deus, e que àquele que errasse, não teria ganhado forças em quantidade suficiente para não cair no erro. Ele chega a uma conclusão que seria impossível que o mal ou o fato de ser privado de um estado melhor, seja para Deus apenas uma negação, pois, caso o contrário, se Deus criasse um ser qualquer que eventualmente perdesse essa perfeição dada, ele não teria conhecimento disso, contradizendo com sua perfeição. Isso para Blyenberg não passa de um absurdo.



Para defender essa opinião, ele explica que se tivesse relações sexuais com uma mulher comprometida com outro homem, não seria o ato por si só uma coisa má, mas em relação ao disposto da união da mulher que descompõe em sua relação. Depois Blyenberg pergunta a Spinoza se Deus poderia saber das ações, permitir a ação e ignorar com quem ele o fizesse. Isso significaria Deus ser ignorante de sua própria obra. Blyenberg questiona diretamente o pensador ao perguntar como seria possível nos tornarmos melhores ou piores ao agirmos ou não com prudência, sugerindo que assim os justos e os injustos seriam perfeitos e que Deus não possuía conhecimento do mal, seria impossível ele conseguir punir o mal. E Blyenberg continua questionando diretamente o pensador a respeito do motivo pelo qual todos são imperfeitos, seria o fato de que não nos esforçamos com a convicção e intensidade necessária para nos preservarmos do erro e por consequência perdemos o estado de perfeição. E acrescenta que mesmo quando erramos sem intenção, ainda estamos pecando por não estarmos de acordo com a vontade de Deus.

Entretanto, para o questionador do filósofo, se Deus estendeu nosso limite de conhecimento a um nível acima daquele. Ele mesmo antes havia dado, significa que esse é a causa absoluta de nossos erros; não que Deus seja constrangedor, mas que ele nos deu esse conhecimento para que pudéssemos conhecer e contemplar suas obras. Por fim, ele enfatiza que enquanto possuir a capacidade intelectual de

contemplar a perfeição de Deus, a ele não importa possuir ou não o pleno entendimento. Spinoza explica a Blyenberg que seus argumentos são equivocados, pois, Blyenberg acredita que a palavra de Deus está de maneira clara e eficaz, que devemos agradecer por tudo, enquanto Spinoza acredita em Deus com natureza, ou seja, todas as coisas estão em Deus e em movimento em Deus. Deus não é alguém, não é um ser humano o qual devemos agradecer ou orar para ele. Mas é uma única substância da qual tudo foi originado. Não tem prazer e nem desprazer em nossos atos. Ele ainda discute acerca de concepção de Deus a ser entendido como juiz, que nos dá atributos bons e ruins, o qual devemos respeitar e sermos gratos por sua misericórdia e por nossas vidas, caso contrário seríamos punidos.

No que diz respeito a milagres, ele é de opinião de que a revelação de Deus só pode ser estabelecida pela sabedoria da doutrina, não por milagres, ou em outras palavras, por ignorância. Apesar disso, ele respeita milagres. Apenas faz esta distinção entre religião e superstição, porque essa última se baseia na ignorância, essa, é a razão porque os cristãos são distintos do resto do mundo, não pela fé, nem pela caridade, nem pelos outros frutos do Espírito Santo, mas apenas por suas opiniões, à medida em que defendem a sua causa, como todos os outros, por meio de milagres, que é pior por ignorância, que é a fonte de toda a malícia; assim, eles se voltam à fé, o que pode ser verdade, em superstição. Então, Spinoza explica que o que pode servir como um

fator determinante ao dizermos se uma obra pode ser considerada boa ou má, é a liberdade que a vontade das pessoas sempre envolve, ou seja, é a influência que a vontade das pessoas tem sobre elas. Blyenberg, após ter recebido a resposta ([Carta n. 21 de 28 jan. 1965], p.129); percebe um tom pouco amigável de Spinoza quando o filósofo argumenta que nenhuma de suas proposições, por mais plausíveis que sejam, tem efeito sobre Blyenberg. Na tentativa de justificar, Blyenberg diz que não possui um conhecimento tão claro na metafísica e na distinção entre o corporal e o espiritual quanto Spinoza, por isso não deveria haver uma causa de ofensa por parte do filósofo, quando Blyenberg começa a retornar em algumas questões que, na sua visão, ainda não estivesse devidamente esclarecida. Chegando à conclusão de que Spinoza considera que Deus aprecia a virtude assim como o crime, quando supõe que, em seu ponto de vista em relação à Spinoza, as ações de um criminoso e de um homem virtuoso não seriam senão a manifestação da vontade divina. Mas, ao perceber que Spinoza havia dito que a diferença entre uma ação justa e uma ação maliciosa era que uma implica mais perfeição que a outra, indaga a si mesmo que Spinoza não havia citado algo que poderia determinar a perfeição de qualquer coisa, a não ser que fosse medindo-se pela essência que está possui.

Diante dessa conclusão, Blyenberg ([Carta n. 22 de 19 fev. 1965], pp.140-141); concebe que desse modo, então, Deus se agradaria com os crimes da mesma forma como se agradaria com as virtudes,

tornando-as equivalentes aos olhos dele, sendo em ambos os casos ações perfeitas. Ele diz ainda não ter compreendido o que o filósofo quis dizer ao ter afirmado “devemos agir por amor a virtude”, já que isso poderia significar que Spinoza se abstém de erros, não por serem atitudes incorretas, mas sim por que essas atitudes a ele seriam algo repugnante. Sendo assim, Spinoza não cultivaria uma virtude, mas sim a uma condição que o impede de cometer este erro.

Spinoza, já frustrado por ter percebido que não conseguirá persuadir Blyenberg, diz que já demonstrou que “aquilo que dá ao mal, ao erro, ao crime seu caráter de ato mau ou criminoso, e de falso julgamento – que se pode chamar a força do mal, do erro, do crime – não consiste em nada que exprima uma essência. Que, por consequência, não se pode dizer que Deus seja essa causa” (SPINOZA, 2014, p.146). Ele adverte a Blyenberg que, ao discursar como um filósofo, não é correto atribuir a Deus características do ser humano, assim Deus não sente alegria ou descontentamento com as atitudes humanas. Spinoza ainda acrescenta que o homem não pode prover a Deus, sendo justo, algum bem ou, sendo injusto, algum mal, pois, “nem o justo nem o ladrão podem ser causa de prazer ou de desgosto para Deus” (SPINOZA, 2014, p.148). Entretanto, Spinoza deixa claro que o homem justo possui conhecimento de Deus e de si mesmo, enquanto o ladrão, por não possuir o desejo de que cada um tenha o que é seu, é desprovido deste conhecimento.

## **A ÉTICA NIETZSCHIANA EM OFICINA DE ESCRILEITURAS<sup>29</sup>**

Na trilha de uma perspectiva etológica da ética, trabalhamos com os textos de Spinoza e Nietzsche, considerando a temática sobre o problema do bem e do mal. Além disso, sistematizamos um contraponto com a etologia, problematizando a diferença entre ética e moral, adotando os procedimentos de tradução a seguir:

**1-Embaralhamento dos textos e leitura coletiva;**

**2-Composição de frentes de defesa;**

**3-Troca de textos e composição de novos grupos com textos mistos;**

**4-Composição tradutória dos textos.**

Figura 2: Pictobiografema e Biografema de aulas oficinas



---

<sup>29</sup> Estudantes do primeiro ano do Ensino Médio Integrado em Química do Instituto Federal do Paraná – *Campus* Umuarama. Maria E. P. F.; Heloisa A. F.; Isabela B. S.; Willian C. M.; Camila R.; Arthur R.; Ana B. P.; Ana E.; Nicolás. A.; João V. C.; Amanda. F.; Luana M.; Jhonatan H.

Fonte: Pintura em tela pictobiografema Nietzsche – Estudantes IFPR - Umuarama

Para ser iniciado no pensamento nietzschiano deve-se, primeiramente desprender-se totalmente de qualquer vínculo moral, independentemente de qual seja ele, pois, ao entrar em contato com esse modo de pensamento é tomado por uma crítica radical à moralidade e à tradição judaico-cristã que domina a cultura ocidental. Mas o que haveria de errado na maneira moral de vivência? Ela mesma não torna o convívio social “aceitável”? Pensar dessa forma é um dos primeiros sintomas do “rebanho”, que precisa de regras para viver bem, na dependência de que outros lhe definam o que é bem e mal, a fim de ser um bom cumpridor da ordem para ser aceito socialmente. Entender principalmente que sua crítica é primeiramente a quem prega a moral e em seguida a forma como os aceitamos e seguimos a lógica do rebanho.

Nietzsche expõe de uma forma muito clara o quanto odeia a moral, porém seu ódio é, sobretudo, aos pregadores dela como religião, ciência e até mesmo a filosofia. A religião que ao decorrer de sua história prega o bem e o mal, o mal como os desejos do homem, suas vontades, a forma do homem elevar-se, e o bem à aceitação e virtudes que teriam consequências promissoras, salvadoras e que levariam este mesmo homem a encontrar uma paz transcendente. Contudo, isso é o princípio da negação do homem e da morte de Deus, pois a partir disso há uma barganha da bondade e salvação. Neste sentido a própria religião mata Deus quando faz uso da barganha a salvação. Nietzsche

também eleva sua crítica à ciência. O que teria feito ela para ser afrontada? A ciência que assume os prós e contras em ser Deus, que passa a ditar a moral do rebanho e a guiá-lo como novo pastor, sim, aquele mesmo rebanho que no renascimento afirmou ter vivido eras de escuridão, renasce e é convertida na nova “religião”, a iluminação, agora no antropocentrismo.

Nietzsche vem para açoiar a busca pela solução para o homem, colocando que somente um inovador, um blasfemo que teria a ousadia de encontrar uma solução, não para o homem, mas para o espírito, pois o homem de rebanho, da moral, tem como sua principal “qualidade” negar-se. Ao homem não terá outra solução, a não ser superação, o além do homem, pois o super-homem é o principal precursor da transvaloração dos valores. Não há, portanto bem e mal, mas bom e ruim, porque esse é ele mesmo quem o faz.

## **BIOGRAFEMAS: OFICINAS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA<sup>30</sup>**

Na medida em que a tradução é questão de alma, os autores, com suas vidas e obras passam a importar para os escredutores. Escrita e vida

---

<sup>30</sup> Neste excerto encontraremos apenas a fundamentação teórica que embasaram as atividades das aulas oficinas devidamente orientadas a compreensão metodológica dos procedimentos biografemáticos e pictobiografemático para o ensino de filosofia.

passam a fazer uma composição, não podendo serem tomadas separadamente; alcançando o ponto de uma “*vidarbo*”, uma vez que considera juntas “vida (Biografia) e obra (bibliográfica)” (CORAZZA, 2013, p.104), promovendo uma pesquisa biografemática:

Que coloca a vida e a obra num mesmo plano de contágio, isto é aquilo que Corazza chama de *vidarbo*. A vida, ao invés de justificar a obra, é sobreposta a esta mesma obra que se atravessa na própria vida. O autor da vida atravessa o narrador da Obra que, arrebatado por esta paixão, reinventa o autor da vida. A pesquisa biografemática *vidarbo* investe nessa circularidade perversa que inviabiliza a sede biográfica em encontrar o fundamento da obra de alguém em sua vida, e vice e versa. A pesquisa biografemática *vidarbo* coloca vida e obra num mesmo plano, sabendo que o movimento de um acabará por movimentar a outra (BEDIN, 2011, p.132).

*Vidarbo* orienta-se pelo método biografemático que consiste em um construcionismo guiado conceitualmente por Roland Barthes, e funciona como caminho para o desenvolvimento de um modo de pensar e escrever que põe em movimento a escrita, isto é, aproxima as práticas biográficas e pedagógicas de um campo problemático bastante interessante para executar um “engendramento de formas, que é engendramento de diferença” (CORAZZA, 2013, p.107). O método biografemático, contudo, está distante de ser uma doutrina, um processo técnico ou mesmo um sistema de leis da cientificidade.



O método importa para tomar distância da epistemologia representacional, levando o pensamento a capturar forças, numa semiótica da sensação e numa física dos afectos. Dessa maneira, não requer escrituras (escrituras-leituras) evolutivas, cronológicas ou progressivistas, acerca de sujeitos plenos de autoridades; de mestres renomados ou grandes obras; de currículos bem sucedidos ou documentos chaves; como se fossem expressões de Obra, Autor, Gênio, Pessoa, Pai, Senhor (CORAZZA, 2013, p. 45).

Com essa perspectiva, nasce outra relação com a história da filosofia e com os autores que a compõem. Por meio do método biografemático inserido no ensino de filosofia nos autorizamos a produzir intersecções entre vida e escrita, não fazendo a obra parecer-se com a vida, mas a escrita conduzir a vida. Não se leva mais em conta meramente a biografia tal como faz a historiografia, mas em lugar dela se inventam biografemas que consideram os modos de vida daqueles autores com quem nos envolvemos. Assim, pensar, ler e escrever a vida torna-se um ato singular de escritura. Os “modos de vida inspiram maneiras de pensar e escrever; os modos de pensar e escrever criam maneiras de viver” (CORAZZA, 2006, p. 29).

A vida-obra, *vidarbo*, na perspectiva do método biografemático, passa a constituir um dispositivo que coloca a própria produção de vida em questão, rompendo com a secura e a dureza despertada pelo excesso de realismo biográfico, abrindo, condição de abertura para recriar, escrevendo a vida.

*Vidarbo. [...] Viver como quem escreve. Escrever vivendo. Viver escrevendo. Reviver. Fabulação de gostos, des-gostos, descobertas, sensibilidade, estados d'alma, imagens, poses, figuras, músicas, afectos. Transliteração: mudar o livro é mudar a vida. Cenografia espaço-temporal. Nos passeios de uma-vida, aparição de personagens. Na magia de ler, fascínio por limites. Voz do sujeito-de-escritura: escrever o que não pôde dizer. Grãos de sentidos, na pele do eu-de-papel, após travessia do deserto. Cruel desafio à interpretação. Luxo de escritura livre. (CORAZZA, 2013, p.115).*

O método biografemático nas oficinas de transcrição funciona pelo movimento que produz no pensamento do escreitor, por suas linhas de fugas que escapam da mediocridade dos grandes eventos de uma vida, e faz com que o estudante participe e construa uma linha de estudos, leituras e de pesquisa de tal modo que esteja implicado com a *vidarbo* da qual se ocupa. Para haver uma escritura biografemática, é preciso haver cenário, portanto lugar e a fantasia que tende a produzir a novidade escreitural.

Para tanto, é imprescindível reinventar vida e obra, por meio de eventos irrelevantes do ponto de vista historiográfico. É isto que faz o autor ser tomado sempre como algo inédito, assim, a escritura funciona como um ensino artístico em que o escreitor se posiciona como agente investigativo e ao mesmo tempo como um artista que procura por pistas para produzir uma nova escritura mesclando a vida entre fatos e fantasias.

O biografema, como diz Haroldo de Campos (2006), acontece quando vida e obra encontram-se, tornam-se indiscerníveis. Trata-se do encontro entre a ficção e o real, entre o imaginário e a história. Diante disso, a dita escritura ficcional não é menos verdadeira do que aquela que vive para a verdade, ou: aquela que vive para a verdade não é menos mentirosa do que a ficcional. Já que ficção e real confundem-se, os traços biografemáticos podem ser extraídos tanto da vida do autor, como de figuras, personagens, conceitos que movimentam as obras. Tanto as figuras, os personagens, os conceitos são percebidos como reais, como os autores são percebidos como ficções. Tudo é simulacro, eis a graça! (FEIL, 2010, p.65-66).

Em síntese, o método biografemático consiste em lidar com a biografia sem se limitar à história do indivíduo; ou seja, quando “inventariamos traços biografemáticos de um autor ou de elementos de sua obra, não estamos nos remetendo ao sujeito, ao autor, mas, no caso da filosofia, aos personagens conceituais” (FEIL, 2010, p.70). Os textos biografemáticos são “fantasísticos e fantasmáticas”. Embora estando envolvidos com o novidadeiro, não significa que a escritura biografemática esteja relacionada a mudanças de conteúdo, mas está relacionada à mudança metodológica “aleatória, arbitrária, inconsciente” de como nos apropriamos de um autor e como escrevemos a vida dele, tudo isso para escapar:

Aos riscos e codificações da tradição biográfica, tais como: estagnação dos vínculos entre vida e obra, através de conexões lineares, causais, axiológicas, psicologistas, historicistas; fetichização da descendência, do fatalismo, da extraordinariedade, da verdade, da transparência, do

tempo execução de biografias bisbilhoteiras, moralistas, institucionais, logocêntricas, mecanicistas, apocalípticas, militantes, aliciantes (CORAZZA, 2013, p.110).

A escrita biografemática não segue a vida em questão de maneira linear, cronológica e coerente, ainda que não ignore a biografia. Biografia e o biografema não são oposições. O procedimento da escrita biografemática é o que permite uma nova configuração, uma reinvenção do autor; o que cabe à biografia nesse método é fornecer materiais para a escritura biografemática balizar suas escolhas geradoras da escrita dos detalhes de uma vida que nos seduziu e que nos despertou prazer e desejo especiais.

Seguindo Barthes (2005), para que as escolhas que fazemos dos conceitos, textos, livros, obras dos outros passem para nós, é necessário defini-los como escritos por nós; e, ao mesmo tempo, torná-los outros, deformando-os por amor, desde que por eles fomos seduzidos. O que buscamos nos conceitos que desejamos é que alguma coisa ocorra: uma nova aventura, uma nova conjunção amorosa; e, por isso, a relação que estabelecemos com determinados conceitos do autor amado é a de que eles fiquem lá, como signos de nós próprios, inspirando-nos a passar do Prazer de Ler ao Desejo de Escrever (CORAZZA, 2013, p.18).

O desejo de escrever é o que fundamentalmente nos interessa nessa Metodossófia, haja vista que as oficinas de transcrição em filosofia procuram mover o desejo de escrita. A produção de

biografemas foi disparadora do encontro com as vidas e com as obras dos filósofos que fazem parte do itinerário dessa pesquisa. Consideramos, a partir de nossas experiências, que o método biografemático é capaz de contribuir para o trabalho com autores e textos clássicos da filosofia. A produção de biografemas também é uma forma de traduzir e unir vida e obra, pensamento e vida, é, talvez, um ato de liberdade e, por isso, um gesto ético, na medida em que a ética objetiva produzir novos modos de vida; existe para ultrapassar o que é, para produzir novas linhas, um novo pensamento. Ressaltamos que, ainda que as produções tenham implicado demorada pesquisa, elas envolveram afetos de alegria, condições bem diferentes do que estamos acostumados para o ensino de filosofia na Educação Básica.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A perspectiva de trabalhar a ética deleuziana em interconexão com o Projeto Escrileituras se fez a partir de dois elementos essenciais para a formação: as práticas da leitura e da escrita, as quais são, para o projeto, o eixo principal e provocador do pensamento tanto em filosofia como em educação. Uma ética etológica em Escrileituras foi tecida como um rizoma ramificado para todos os lados, de maneira a possibilitar a passagem e os fluxos de um modo de conhecimento a outro. Fazer um trabalho nesse sentido, não foi tarefa fácil, porque nele consideramos além dos operadores filosóficos, os agentes, ou seja, os

leitores e escritores que participaram das oficinas no período de 2012 a 2014 e, fundamentalmente, serviram como ponto de referência para pensarmos o ensino de filosofia, a partir de uma didática transcriadora que associa arte, ciência e filosofia, com a qual compusemos possibilidades de produção de um pensamento ético amoralista.

A ética aqui entendida como uma prática de vida e não como um estatuto modelado por formas ou enunciado coletivo, ou mesmo como um conjunto de regras socialmente estabelecido. Partindo da compreensão não normativa da ética e da necessidade de ampliar a discussão sobre o problema da diferença entre ética e moral é que buscamos fazer as experimentações com as oficinas do projeto *Escrileituras*, num trabalho que envolve o tripé ensino, pesquisa e extensão, ou seja, que compreende uma dinâmica de atividades, leituras, escritas, desenhos, aulas, pesquisas, entrevistas, músicas, sabores, dramas e outras experimentações tratadas na perspectiva de um currículo nômade. Avaliamos que o desenvolvimento temático da pesquisa em torno de uma ética não moral postulado pelo projeto *Escrileituras* fez com que o encontro entre filosofia e educação efetivamente acontecesse.

As oficinas de transcrição, orientadas pela Didática-artista da Tradução proporcionaram formas de inovação para o ensino de filosofia, pois colocaram em movimento o pensamento na medida em que se estabeleceu uma nova relação com os textos clássicos de Spinoza

e Nietzsche, traduzidos pelos alunos em condições de pensar a relação entre moral e ética, deixando clara a constituição dogmática e moral da história da filosofia. O currículo do projeto Escriteiras e IF-Sophia compõe um *êthos* no sentido de uma prática afirmativa dos processos de vontade criadora, expressa em um novo modo de ler e escrever em meio à vida. Tal prática produziu mais do que um desenvolvimento teórico, foi uma associação em dois territórios, da filosofia e da educação e mostrou que é possível ao ensino de filosofia constituir uma espécie de currículo nômade, permitindo novas experiências para ensinar e aprender filosofia na escola.

Quando nos referimos a uma ética etológica em ambos os projetos estamos afirmando a força ativa do pensamento, enquanto age sobre outras forças no combate contra a moralidade. Neste sentido cabe à filosofia e à educação pensarem e contraporem-se aos abismos econômicos, sociais, políticos e tecnológicos, como modo de resistência às formas de controle social e dominação subjetiva do Estado.

## **REFERÊNCIAS**

CAMPOS, Haroldo. **Metalinguagem & outras metas**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CORAZZA, Sandra Mara. **Artistagens: filosofia da diferença e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CORAZZA, Sandra Mara. **Caderno de Notas 3: Didaticário de Criação - Aula Cheia**. Porto Alegre: UFRGS, 2012. (Coleção Escrileituras).

CORAZZA, Sandra Mara. **Dicionário das ideias feitas em educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

CORAZZA, Sandra Mara. **Didática-artista da tradução: transcrições**. In.: *Mutatis Mutandis*. v. 6, n. 1, p. 185-200. Medellín, 2013.

CORAZZA, Sandra Mara. **Docência-pesquisa da diferença: poética de arquivo-mar**. Porto Alegre: UFRGS; Doisa. 2017.

CORAZZA, Sandra Mara. **Métodos de transcrição: pesquisa em educação da diferença**. São Leopoldo: Oikos, 2020.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre: UFRGS; Doisa. 2013.

DALAROSA, Patrícia Cardinale; BEDIN, Luciano. **Escrileituras: um modo de ler e escrever em meio à vida**”. **Observatório da Educação/CAPES/INEP**. In. HEUSER, Ester Maria Dreher. (Org.) *Caderno de Notas 1: projetos, notas & ressonâncias*. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa - filosofia prática**. Tradução: Daniel Lins e Fabien Pascal. Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

FEIL, Gabriel Sausen. **O simulacro e o biografema - de A a Z**. In: Sandra Mara Corazza. (Org.). *Fantasia de escritura: filosofia, educação, literatura*. 01ed. Porto Alegre: Sulina, 2010, v., p. 79-91.

HEUSER, Ester Maria Dreher. **Pensar em Deleuze: violência e empirismo no ensino de filosofia**. Ijuí: Unijuí, 2010.



NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica.**  
Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras,  
2009

SPINOZA, Benedictus. **Ética.** Edição Bilígue: Latim-Português. 3ª ed.  
Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SPINOZA, Benedictus. **Carta 50. In: Os Pensadores,** vol. XVII, São  
Paulo: Abril Cultural, 1973.

SPINOZA, Benedictus. **Obra completa II: Correspondência  
completa e vida;** [Organização. J. Guinsburg, Newton Cunha,  
Roberto Romano; Tradução e notas J. Guinsburg e Newton Cunha; ]. –  
São Paulo: Perspectiva, 2014.

UEXKÜLL, Jacob Von - **Dos animais e dos homens.** Tradução de  
Alberto Candeias e Aníbal Garcia Pereira. Lisboa: Livros do Brasil,  
1982.